

Opinião de Ranjit Baxi, presidente do Bureau of International Recycling (BIR)

<http://www.cascaisambiente.pt/>



Na essência, este histórico e ambicioso acordo [de Paris] sinaliza o fim dos combustíveis fósseis.

A reciclagem é uma indústria de baixo carbono, permitindo reduzir atualmente os GEE em 700 milhões de toneladas por ano

No Bureau of International Recycling defendemos fortemente o reforço do Acordo de Paris através da formulação de regras vinculativas

Porque a reciclagem tem de figurar na agenda da COP 22

À medida que a poeira assenta e a euforia desaparece, tende-se a olhar para as falhas dos acordos internacionais mais badalados. Este não deverá ser o caso do acordo conseguido em Paris, em meados de dezembro, durante a COP 21, apesar das inevitáveis críticas post-mortem.

Quase 200 países com as mais variadas agendas terem concluído duas décadas de disputas com a assinatura de um acordo global para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e evitar os mais nocivos efeitos das alterações climáticas, é um feito extraordinário. Mas na essência, este histórico e ambicioso acordo que engloba a maioria das nações do mundo sinaliza o fim dos combustíveis fósseis.

Além de concordar em tentar conter o aquecimento global abaixo dos 2 graus centígrados, os países comprometeram-se com uma nova meta de zero emissões a atingir entre 2050 e 2100 e uma revisão a cada período de cinco anos. É também de notar que os países mais ricos se comprometeram a angariar 100 mil milhões de dólares por ano até 2020 para ajudar o grupo dos países pobres a transformar as suas economias.

Mas ao invés de focalizar nas deficiências detectadas no acordo, devemos, portanto, celebrar o que ele é: um grande passo na luta contra as alterações climáticas.

Isso também não quer dizer que devemos parar por aí. Os que mais clamam pela luta contra as alterações climáticas devem começar a reconhecer o enorme potencial inexplorado da indústria da reciclagem como um parceiro verde. A reciclagem é uma indústria de baixo carbono, permitindo reduzir atualmente os gases com efeito de estufa num valor estimado de 700 milhões de toneladas por ano (um estudo conduzido pelo [BIR](#) confirma as reduções de CO2 em cerca de 572 milhões de toneladas para ferrosos, cobre, alumínio e papel).

Em termos concretos, isto é mais do que produz toda a indústria da aviação num ano, o que significa que poderia compensar a poluição deste sector.

Algumas regiões, particularmente a Europa, estão a tomar a liderança, definindo ambiciosos objectivos de reciclagem e pondo em prática o enquadramento adequado para tornar a reciclagem uma parte essencial das nossas sociedades e economias. No entanto, noutras partes do mundo como África e Ásia, onde a reciclagem está menos enraizada na vida quotidiana, há muito trabalho a ser feito, particularmente em termos de educação e promoção do comércio livre e justo. Caso contrário, o perigo real estará no aumento das emissões de CO2 juntamente com o aumento da população destas áreas.

Esta bomba relógio é de tal ordem que não pode ser desarmada por apenas um continente ou dois: é necessário uma abordagem global. A economia circular é um modelo económico viável, mas não se deve limitar à Europa. Se analisarmos os benefícios significativos para o ambiente, a economia circular tem de ser adotada a uma escala global.

No Bureau of International Recycling (BIR) defendemos fortemente o reforço do Acordo de Paris através da formulação de regras vinculativas, que obrigaria os países que recebem ajuda a destinar uma parte desse financiamento para projetos de reciclagem.

A reciclagem é simplesmente uma parte demasiado vital na luta contra as alterações climáticas para não figurar na ordem do dia da próxima rodada de negociações internacionais - COP22 – que se inicia em Marrocos, em novembro de 2016.

Publicado no site <http://www.euractiv.com/> a 8/04/2016.